

Desajustados 4
Coleção de Textos Falados

Desajustados

Textos Falados

4

Conversas algodoeiras: entre plantas,
pragas e afetos

Gabriela Carvalho
Miguel Costa
Rita Rainho

ID_CAI/i2ADS

Gabriela Carvalho,
Miguel Costa e Rita Rainho

i2ADS edições

Conversas algodoeiras: entre plantas, pragas e afestos

As pessoas que depositam voz na palavra Desajustados #4, tocam-se pelas plantas. Por motivos, tempos, lugares, origens e destinos diferentes, as plantas também tocam estas vozes.

Neste sentido, os Textos Falados que aqui se apresentam são resultado da vontade de decalcar com palavras e imagens dois momentos importantes de investigação artística de Gabriela Carvalho, Miguel Costa e Rita Rainho: as “*Parceiras Estranhas - Conversas com o algodão e a cochonilha*” (Aula Magna, FBAUP) e as “*Leituras Performativas sobre exploração e extração*” (MIRA FÓRUM). Estes momentos experimentaram coletivamente abordagens performativas a partir das inquietações de cada corpo implicado pelas pragas, algodão e outras plantas em diferentes contextos.

Essa zona de contacto foi possível a partir da configuração coletiva do projeto-semente “*O algodão e a resistência a partir de Cabo Verde – cultivo do pensamento e práticas artísticas para uma história do presente*” (AR.CV), elaborado em 2021 por Gabriela Carvalho, Miguel Costa, José Paiva e Rita Rainho (coord), ID_CAI/i2ADS. Este foi um projeto criado em torno do pensamento e das práticas artísticas a partir da plantação de algodão iniciada pelo coletivo Neve Insular (Rita Rainho e Vanessa Monteiro) em Cabo Verde, integrando o seu poder histórico, e suas histórias de resistência.

No sentido de dar corpo à referida zona de contacto, foram ativados outros modos de partilhar as inquietações de Gabriela Carvalho, Miguel Costa e Rita Rainho: no Ciclo de Debates “Arquipélago, ilha #9: Plantas que se tocam” (organização e participação de Miguel Costa e Rita Rainho, 2021); nas conversas “Enquanto falo: lavo, corto, pico e levo ao fogo. Uma conversa à volta da cozinha com Marta Lança e António Gouveia” (organização de Gabriela Carvalho e participação de Miguel Costa e Rita Rainho, 2022); e na programação “Neve Insular, 0,0003% - algodão e resistência” no Centro Cultural de Cabo Verde (organização e participação de Gabriela Carvalho, José Paiva, Miguel Costa e Rita Rainho, 2023).

Ao longo destes diferentes encontros e confrontos de ideias têm sido experimentadas formas de colaboração e de construção de um projeto comum - enquanto espaço produtivo de conflito - a partir das inquietações das pessoas envolvidas.

BIOGRAFIAS

Gabriela Carvalho. Pesquisadora, curadora e escritora, é doutoranda em Artes Plásticas na FBAUP/i2ADS/FCT onde propõe a ideia de epistemologia das pragas para uma investigação curatorial de base decolonial. O seu envolvimento no projeto AR.CV amplia para a relação com o algodão essa experiência e reflexão. Em 2023, fez uma residência de investigação no Centro de Investigaciones y Estudios de Género, na Universidad Nacional Autónoma de México. Mestre em Artes pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2018); Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (2012). Trabalha como curadora desde 2011, tendo atuado em diversos projetos em espaços independentes, comerciais e institucionais da arte.

Como escritora, publicou poesia e prosa em antologias como “VOLTA para tua terra: uma antologia antirracista/antifascista de poetas estrangeirxs em Portugal” (2021/22) e “Epistolária: cartas para a desobediência, a beleza e o fim” (2022).

Miguel Costa. Artista/arquitecto e professor auxiliar convidado na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Doutorado em Arquitectura Paisagista e Ecologia Urbana (2018, ISA-UL) e Mestre em Arte e Design para o Espaço Público (2011, FBAUP). Trabalha sob o nome de ‘micro atelier de arquitectura e arte [maaraq]’ e tem vindo a desenvolver um trabalho de investigação artística sobre plantas úteis e inúteis e a sua relação entre a botânica colonial e a vegetação ruderal das paisagens dos lugares quotidianos (espaços urbanos abandonados, desvalorizados ou não utilizados). É investigador integrado no i2ADS Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade e membro investigador colaborador no CEEA, Centro de Estudos Arnaldo Araújo. Divide a sua atividade profissional entre processos de mapeamento e intervenções na paisagem urbana, a investigação artística e o ensino. [<https://maaraq.com>]

Rita Rainho. Artista e investigadora do i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da FBAUP - Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Coordena o projeto semente AR.CV - “O algodão e a resistência a partir de Cabo Verde – cultivo do pensamento e práticas artísticas para uma história do presente”, i2ADS e é coautora do coletivo Neve Insular em Cabo Verde, onde iniciou em 2018 uma plantação de algodão.

Desenvolve o projeto “Descolonizando a Educação Artística: possibilidade de outras práticas na CPLP” (CEEC/FCT). É doutorada em Educação Artística e mestre em Arte e Design para o Espaço Público, FBAUP.

Prolonga a sua investigação e criação artística para o Sul político na ação coletiva do 'ID_CAI Coletivo de ação Investigação entre Brasil, Cabo Verde e Moçambique. Dedicar-se à esfera expandida da arte, comprometida com o social, político e ambiental. Apresenta regularmente os seus projetos no contexto nacional e internacional.

Desajustados

Textos Falados

Gabriela Carvalho,
e Rita Rainho

Parceiras estranhas - uma conversa com o algodão e as cochonilhas

Gabriela Carvalho
Rita Rainho

ID_CAI/i2ADS

A sessão “Parceiras estranhas - uma conversa com o algodão e as cochonilhas” decorreu no âmbito do Ciclo de Debates “Arquipélago” no dia 9 de novembro, na Aula Magna (FBAUP). Fizeram parte desse arquipélago 3 ilhas. A primeira delas, a ilha #14 “Parceiras estranhas - uma conversa com o algodão e as cochonilhas”, de Rita Rainho (ID_CAI/i2ADS) e Gabriela Carvalho (ID_CAI/i2ADS), originou matéria de investigação artística interpretada e representada nesta secção de Desajustados #4 - Coleção de Textos Falados. A sessão em si decorreu com Leituras Performativas das cartas sobre o vídeo também correspondido entre as duas autoras.

Nessa sequência das Cartas, António Gouveia, investigador da Cátedra UNESCO em Biodiversidade e Conservação para o Desenvolvimento Sustentável, fez a sua apresentação “Notas sobre descolonização das coleções de História Natural da Universidade de Coimbra”, cujo conteúdo pode ser acessado através de Buala.org

Esse ciclo de Debates integrou ainda a ilha #15 “Interior: categoria territorial, geopolítica, filosófica... estética?”, Luana Andrade (ID_CAI/i2ADS), e a ilha #16 Terras de Fiar, Flávia Lira (ID_CAI/i2ADS) e as convidadas Christina Machado, Josicleide (Kêka) Oliveira (AQCC), Valdeci Oliveira (AQCC) e Vitória Amaral (PPGAV/UFPE/UFPB).

As três ilhas tiveram por base a partilha de projetos de investigação-ação entre Portugal, Brasil e Cabo Verde que integram um questionamento em torno do pensamento e práticas artísticas que emergem do território, suas histórias de resistência e compromisso de processos de transformação social.

As cartas que da vida e da ilha# 14 para aqui se transportam, assumem o lugar das duas autoras, imigrantes (uma Brasil > Portugal e a outra Portugal > Cabo Verde). Questionando a herança das cartas dos naturalistas que exportavam conhecimento ao serviço de projetos coloniais, as autoras incorporaram as perspectivas de cada uma na sua ligação à terra, proporcionando um contexto de tensão no diálogo. Por um lado, o trabalho de investigação artística de Rita Rainho que se foca no algodão como matéria com memória no trabalho de transformação social, cultural e ambiental em Cabo Verde (a partir da prática do coletivo Neve Insular do qual também faz parte). Por outro lado, o trabalho de Gabriela Carvalho que se desenvolve em investigação curatorial em torno da ideia de epistemologia das pragas enquanto ferramenta de pensamento e ação decolonial.

Este diálogo acontece em suma, a partir da diferença das perspectivas do algodão e da cochonilha, em particular, na coexistência destes elementos mais-que-humanos na plantação iniciada pelo coletivo Neve Insular em Cabo Verde. Nestas cartas fica desenhado o ténue limite do equilíbrio entre o espaço de uma cultura em resistência (pelo abandono do ciclo do algodão e pela terra semi-árida) e o tempo das parceiras estranhas (cochonilhas que vivem a partir da sobrevivência dos algodoeiros em resistência).



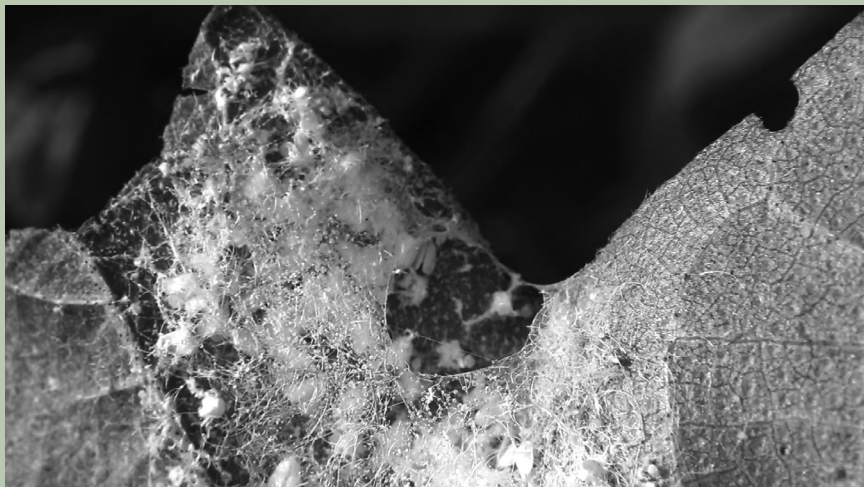
Frame do vídeo “Parceiras estranhas” 4’30 desenvolvido a partir da prática coletiva da Neve Insular no Madeiral, Cabo Verde, 2023.

Desajustados

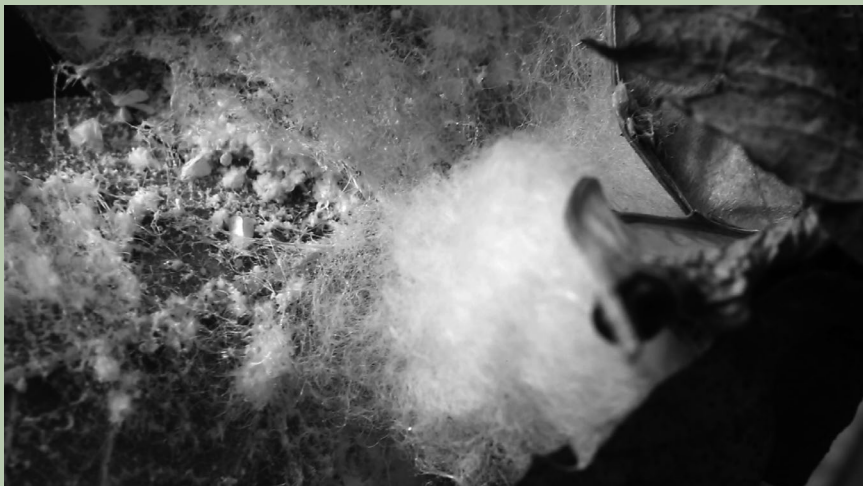
Textos Falados

4

Gabriela Carvalho,
e Rita Rainho



Frame do vídeo “Parceiras estranhas” 4’30 desenvolvido a partir da prática coletiva da Neve Insular no Madeiral, Cabo Verde, 2023.



Frame do vídeo “Parceiras estranhas” 4’30 desenvolvido a partir da prática coletiva da Neve Insular no Madeiral, Cabo Verde, 2023.



Frame do vídeo "Parceiras estranhas" 4'30 desenvolvido a partir da prática coletiva da Neve Insular no Madeiral, Cabo Verde, 2023.

Querida Rita,

Você já se sentiu bem com algo terrivelmente incômodo?

Ontem esqueci um pedaço de bolo de maçã com canela (no final te passo a receita)** em cima da pia e acordei com a cozinha completamente infestada de formigas. Minha primeira reação foi de pânico ao buscar um inseticida e dar cabo de todas elas com a “arma química” mais poderosa que tinha ao meu alcance. Fiz isso, confesso, uma mania generalizada na minha cozinha. Parada em meio a um monte de pontinhos pretos estáticos e envenenados me pego pensando, de onde vem tamanha repulsa? Qualquer inseto que tenha a ousadia de entrar numa casa na cidade é passível dessa mesma reputação? Nojento, sujo, transmissor de doenças, pivô de crises histéricas e alvo de um grande mercado de inseticidas.

Estamos todos devidamente autorizados a exterminá-los. São os seres aniquiláveis da sociedade, simplesmente por estarem em lugares que não

foram pensados considerando a sua existência.

No momento seguinte, me dei conta de que eu tinha toda a cozinha contaminada por inseticida, que teria que lavar tudo o que tinha sido exposto, não deixar os gatos acedem ao local e o pior... nesse desespero esqueci-me que sou alérgica a inseticidas. Passei o dia com dificuldades de respirar, mas com a cozinha livre de formigas. Ainda que contaminada, tinha a sensação de que agora estava limpa e me sentia bem por isso.

Estou te contando essa história um tanto porque através dela e das nossas conversas sobre as cochonilhas me peguei encantada e culpada, matutando um bocado sobre o vídeo que me você me enviou semana passada. Me encanta elaborar outras formas de vê-las a partir de uma lógica menos convencional, menos ocidental talvez. Ao mesmo tempo, imagino o profundo incômodo em se deparar com elas no algodoiro ou em qualquer outra plantaçaõ que exista para uma subsistência. Daqui de longe, numa leitura um

bocado descompromissada com o algodão em si, fico pensando quais poderiam ser as outras formas de ler, de escutar aquela relação. Numa leitura mais objetiva da cena, temos ali a planta que está a ser cuidada com atenção e carinho por um par de mãos maternais e uma infestação de insetinhos que tentam se camuflar por debaixo das folhas como falsos algodões. Eles são o prejuízo, sugadores do fluxo vital do algodão. Bem e mal. Produtividade, perda. Rentabilidade, prejuízo. Tudo muito nítido. Uma lógica muito objetiva sob a ótica capitalista.

“Do ponto de vista da mãe todo filho é bonito.”

E se fossemos capazes de observar os laços interespecies sem intervir ou melhor, sem tirar juízo de valor a partir da lógica a que nos habituamos? E se pudéssemos fazer perguntas a esses seres, criar com eles outras formas de ver, de pensar? Se pudermos imaginar juntas outros laços, outras histórias contadas a partir de pontos de vista mais fragmentados? Se conseguirmos pensar com as vidas que resistem nos interstícios? Algodão, cochonilha, formiga,

joaninha, moscas... são todas companheiras de mesa, partilham em rede o alimento que as mantém vivas e em movimento. Algodão come terra, luz, água, cochonilha come algodão, formiga come melada produzida pela cochonilha, moscas e joaninhas comem cochonilhas, humanas comem a partir da manufatura do algodão e assim por diante.

De algum modo são parceiras estranhas que partilham de um mesmo ambiente, uma mesma ecologia, uma mesma mesa na cozinha da terra. Cada uma delas carregando um mundo em si mesma. Se uma delas falta, todo sistema se transformará em outros desequilíbrios...

Afinal, de onde é que tiramos a ideia de que há um equilíbrio, uma harmonia, um céu branco e luminoso a ser alcançado? É um jogo, uma conversa, por vezes cooperação, por vezes disputa, não é pacífico, é luta por espaço, por existência.

“Tão ameaçadora / quanto ameaçada”

Outra coisa que me inquieta é o fato de que seres são con-

siderados pragas sob a perspectiva de uma tentativa de controle e centralidade do Homem. Mas é exatamente porque há agricultura intensiva, monocultura, herbicidas e inseticidas que há também a transformação do solo, da água, da imunidade e resistência das plantas e consequentemente, a suscetibilidade ao ataque dos seres que se alimentam delas em maior escala. A lógica do capital é a mesma, onde há concentração de riqueza, há a exploração e a vulnerabilidade da vida.

Por outro lado, o bonito da relação do algodão da Neve com as cochonilhas é que vocês têm cultivado com atenção e sensibilidade o bastante para que as vossas intervenções sejam feitas da forma mais biodiversa possível. Seja com a aplicação de óleos naturais, o cultivo conjunto com outras espécies, o tato e a observação constante de cada planta, de cada ser que partilha deste mesmo pedaço de mundo.

Me conta depois como tem caminhado essa relação? Além das cochonilhas, como anda com os gafanhotos? Acho que você já sabe, mas muito do que estou comen-

tando aqui está contaminado por aquilo que venho cultivando na tese como uma epistemologia das pragas, formas de pensar, criar, imaginar, formas de narrar que sejam impregnadas pela observação lenta e atenta daquelas que são consideradas as pragas em uma sociedade estruturada por uma lógica fascista, base do colonialismo, do patriarcado e do capitalismo. Uma tentativa de tecer laços, parcerias estranhas com os seres que vivem nos interstícios, nas encruzilhadas, entre as fronteiras, nas fissuras de um sistema que nos quer controladas, domesticadas ou mesmo exterminadas.

Como li num texto da Vinciane Despret essa semana, se trata de cultivar “Uma ecologia que pensa os seres nos laços que eles tecem juntos, e que os tornam, com um pouco de sorte, menos perigosos uns para os outros”.

E para isso precisamos compreender essas parcerias estranhas, conferir a elas a possibilidade de terem intenção, de atribuir significações. “É preciso poder se perguntar quais regras a parceira

estranha segue e como, em seus próprios usos, ela produz laços, mostra às outras que elas têm importância, comunica sem mãos, sem palavras, coisas às vezes muito complicadas.” [...]

“É uma ecologia curiosa e afetiva, uma ecologia em que os seres exploram devires inéditos, em que se afetam incessantemente uns aos outros, numa coreografia feita de cooptação, improvisações arriscadas e arranjos, de repulsa, de afinidades e rupturas, de entrelaçamentos, de organismos que constantemente inventam e improvisam novas formas de viver com ou ao lado de outros organismos.”

Tenho pensado que é por essa observação atenta da vida que pulsa entre as frestas que posso ainda encontrar caminhos para resistir, imaginar e criar outros mundos possíveis. É por meio dos laços, dos afetos, da miudeza, da lentidão e da abertura constante para a experiência da vida, para o imprevisto, a sensibilidade aguçada, os desvios e infiltrações que vejo – no meu ponto de vista – uma vida possível em meio às catástrofes do capitalismo.

Me conta de ti, quais miradas
tem te guiado pelo caminho?
Espero que estejas bem e
aquecida da brisa de mar do
Mindelo.

Um xêro,

Gabi

** Receita de Bolo de maçã com canela

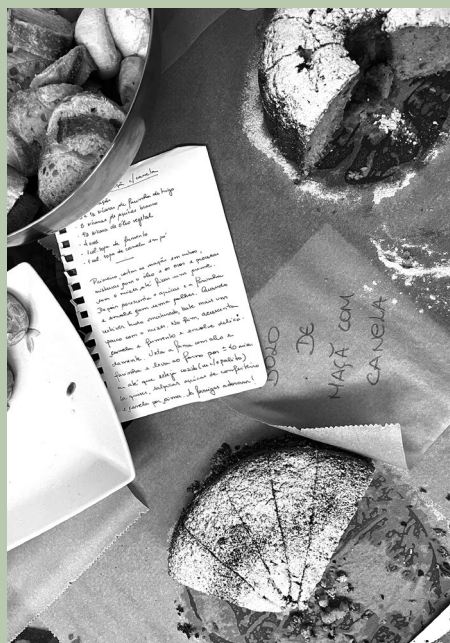
ingredientes.

- 4 a 5 maçãs
- 2 e ½ xícaras de farinha de trigo
- 2 xícaras de açúcar branco
- ½ xícara de óleo vegetal
- 4 ovos
- 1c.sopa de fermento
- 1c. sopa de canela em pó



Primeiro cortar as maçãs em cubos, misturar com o óleo e os ovos e processar com o mixer até ficar um creme. Depois acrescenta o açúcar e a farinha e envolve com uma colher. Quando estiver tudo misturado bate mais um pouco com o mixer. No fim, acrescenta canela e fermento e envolve delicadamente. Unta a forma com óleo e farinha e leva ao forno por aprox. 40 minutos ou até que esteja cozido (ver com palito).

Se quiser salpicar açúcar de confeiteiro e canela por cima, as formigas adoram!



Olá Guapa,

Quanto vi o aviso da tua carta, tinha acabado de chegar do Madeiral, da plantação de algodão da Neve Insular. Tinha ido com a Vanessa, e as nossas três crias. A ideia era ir procurar nos sacos de algodão, umas coisas que a pessoa que nos montou a mala do regresso dos materiais das oficinas no Centro Cultural de Cabo Verde em Lisboa, tinha metido no meio do algodão. Essa mala tinha vindo com a Rosa Pomar, para as oficinas com as Mulheres do Vale, e por isso trazia o descarçador, as cardas, os fusos, algodão, ...

Aqui na ilha de São Vicente, como nas outras, a rede de pessoas que vêm e trazem coisas é muito grande. É algo comum, e fico a pensar que, no caso das plantas, faz lembrar os circuitos da botânica colonial, e no fundo ainda nos atravessa o fascínio das sementes endógenas ou o desejo de carregar estacas de plantas exóticas, de outros países, da plan-

tação pra casa, do interior pro litoral, enfim geralmente de um lugar longe ou de difícil acesso. Além disso, também é comum pedir a alguém que traga algo que cá não encontramos, e de um postal, facilmente se vão acrescentando coisas de kilos. No caso, o que se acrescentou era tão pequeno que não se encontrou, ficou bem protegido, escapou ao controle de fronteira, e tudo tão bem, que desapareceu.

Enquanto procurávamos, tateando o algodão, pensava na invisibilidade dessas coisas e perguntava-me se seria possível que tivesse um corpo, um volume que me permite-se encontrá-las. Mexer assim numa massa grande de algodão remete-me para a ideia que a Anna Arabindan-Kessan nos falou, de que o algodão é uma matéria-memória.

E essa conexão aflige-me a ponta dos dedos que, entretanto se haviam entretido na extrema suavidade daquele universo de 6kg de fibra num saco. Enquanto procurávamos, eu e Vanessa, conversávamos sobre os posicionamentos do Governo de Cabo Verde que se absteve

na resolução das Nações Unidas de trégua humanitária na Palestina, e dos comentários que o Presidente da República de Portugal fez enfatizando apenas o ato do 7 outubro. O assunto da guerra não terá ajudado à leveza da procura.

E de novo, ajudou-nos a não nos dedicarmos à ação e pensamento da Neve Insular seduzidas pelo encanto do algodão e da sua história - marco identitário nas ilhas e nas relações com África e América - inevitavelmente não tão longe da violência dessas ligações.

Na ponta dos dedos parecia poder haver rastos das coisas que procurávamos, ou resquícios dessas histórias, não fosse a conversa ser sobre a guerra. Mas também, na ponta dos dedos, tinha um certo medo de ovos de baratas, ou que algum bicho que ali estivesse aquecido, e me viesse cumprimentar.

Sabes o que isso me lembra? Que entre os fardos de algodão viajavam e ainda hoje também, sementes de outras plantas protegidas, tal como as coisas que procurávamos.

Já sei que estás a ficar curiosa, mas eu também fiquei sem saber o que eram as tais coisas.

Com as histórias de violência em torno de mim, também é um pouco assim. Ouvi falar nela, inquietam-me os modos de trabalho forçado, terra explorada para nos vestir e despir a preço barato, mas não vi, não toquei. Que sorte, diz a Vanessa ainda sobre a Palestina. Que sorte que estamos aqui. Olhamos para as crianças que se começam a irritar com a espera e desistimos da busca. Os sacos do algodão e as ferramentas, ficaram mais arrumadas do que nunca, na sala da Associação. Isso pareceu sossegar-nos, mesmo não tendo encontrado as ditas coisas.

O que nos esperava fora não era uma visão um tanto melhor. Aquelas montanhas nuas que conheceste, tiveram duas noites de chuva em outubro, e a erva de 20cm que brotou, já amarelou. Na plantação, os algodoeiros estavam quase todos murchos. Os feijões secaram, estão a aguentar-se as canas, as moringas e os catos. Uma seca tremenda. E uma população exuberante de gafanhotos

que se dedicou à cidreira, a nossa mais cheirosa planta, e depois a toda a folha carnuda que encontrou no caminho.

O movimento do nosso corpo na plantação funcionava como um impulso para a coreografia dessa nova população. De todas as gerações, cores e feitios, sobressaíam na paisagem de castanhos e secos esvoaçantes. Os olhos e os pulos dos gafanhotos pareciam querer conversar conosco.

Não resistimos às típicas exclamações de reação ao raro: olha só pra este! E este?! Olha! Fotografar, documentar, perseguir entre as ramagens bem mais dentro, onde as espécies se tornam mais especiais, e pra cima, onde os algodões ainda exibem três folhas e 10 gafanhotos, agarrados ao tronco, com as patinhas como macacos pendurados, trepando e rodando sobre o tronco, conforme nos mexíamos.

Foi todo um espetáculo de dança entre espécies parceiras estranhas, cheio de movimento e preconceito, fascínio e desconfiança, desejo e assombro dessa beleza.

No fim, as crianças ouviram galinhas. Sim, de há uns seis meses para cá, há umas galinhas que fazem passeios àquele mato, coçam-se nas folhas, massajam-se nos troncos, catam minhocas na cobertura do solo, penicam uns grãos de feijão que sobram, e por aí em diante.

O mais curioso é que, os miúdos já tinham dito que, na apresentação final da formação de tricô em lã e em algodão com as Mulheres do Vale, tinham visto ovos junto aos algodoeiros. E eis que no sábado vimos a ninhada, e mais novos ovos, uns acabados de nascer, uns que pareciam chocados. E claro, toda a família por ali muito atrapalhada com o espetáculo de dança.

Sem contar que comem gafanhotos e fertilizam o solo, as galinhas têm a plantação como um lugar seguro para chocar os ovos longe de quem lhos tira.

Enquanto comentávamos isso com as crianças, sorrimos, pensando que afinal, aquilo que parecia ser expressão do abandono de uma plantação, uma invasão de gafanhotos, também era um lugar seguro.

Talvez o algodão acabe e se comprove a tristeza-anúncio que sentimos quando a plantação está assim.

Ou talvez chova e haja uma inversão do que achamos que já sabemos. Em ambos casos precisamos reconhecer que desconhecemos estas coreografias com mais espécies.

Este é o tempo de co-existir e sobre essa condição lentamente agir.

“Você já se sentiu bem com algo terrivelmente incômodo?”
Perguntas-me tu.

Pensar que o algodão da neve insular, com todo o sonho de recuperar essa cosmologia, não se encerra apenas porque se *desconsegue* e morre a plantação, é algo me faz sentir bem, embora seja terrivelmente incomodo.

Beijinhos grandes,

Rita



Fizeram parte da sessão de forma presencial e virtual, contribuindo para o debate as pessoas: Alexia Sera, António C.Gouveia, Cristiana Vieira, Danielle Fernandes, Gabriela Carvalho, Flávia Aranha, José Paiva, Luana Andrade, Marcos Muthewuye, Marina Didier, Mário Azevedo, Miguel Teodoro, Orlando Francisco Vieira, Paulo Nogueira, Rita Rainho, Rosinda Casais e Vanessa Monteiro.

Imagens registo da ilha#14 “Parceiras estranhas”, arquivo ID_CAI, 2023.



Desajustados



Textos Falados

4



Miguel Costa e Rita Rainho

Leituras Performativas sobre exploração e extração

Miguel Costa
Rita Rainho

ID_CAI/i2ADS

As *Leituras Performativas sobre exploração e extração* realizadas no âmbito do evento “Coletivos Impossíveis: esforços persistentes de ação anti-colonial” (MIRA FORUM, Porto, 14 de outubro, 2023) foram construídas a partir de duas perspectivas e práticas autónomas, embora complementares, tanto no campo das inquietações como no campo da investigação artística conseqüente.

Por um lado, o trabalho e a investigação de Rita Rainho em torno da planta do algodão e do projecto artístico Neve Insular que provoca uma reflexão crítica sobre o poder histórico e respectivas histórias de resistência do algodão de CV, como sinédoque da dimensão política e cultural do legado colonial; por outro lado, a prática artística e a investigação de Miguel Costa que tem vindo a explorar as associações entre a botânica colonial, as ecologias ruderais, e a estética exótica nas dinâmicas de produção das paisagens quotidianas a partir de trabalho de campo, instalações, processos de mapeamento e cartografias críticas.

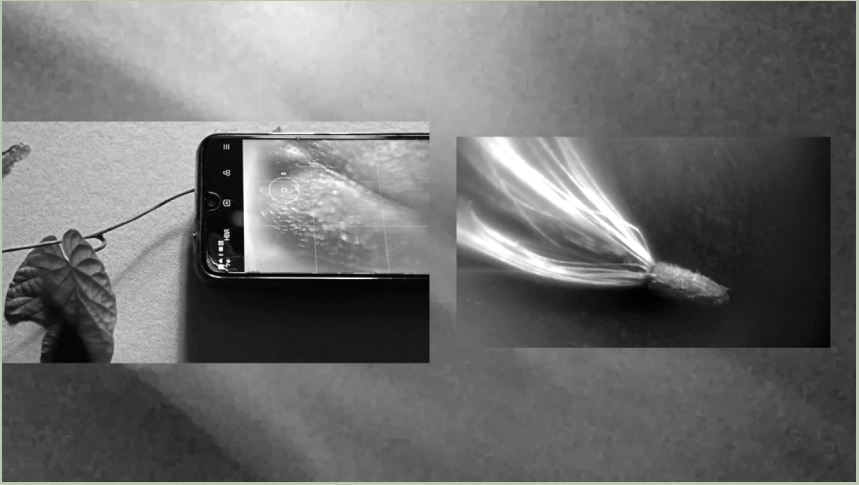
Estas inquietações, apresentadas através de leituras e das respectivas narrativas visuais, intercalaram-se a partir das leituras “*semente-arquivo-resistência*” (Rita Rainho) e “*histórias de vegetação, práticas de produção e de perturbação*” (Miguel Costa). Não se tratando de textos académicos nem de ensaios, a transcrição destas leituras simultâneas propõe apenas uma outra forma de incorporação deste momento performativo, assim como um outro olhar entre a micro-perspectiva da planta do algodão e a macro-perspectiva da botânica colonial a partir das diferentes práticas e investigações artísticas em curso.







Frame do vídeo “semente-arquivo-resistência” 9’30 desenvolvido a partir da prática coletiva da Neve Insular no Madeiral, Cabo Verde, 2023.



Frame da narrativa visual que reúne pesquisas realizadas a partir de documentos históricos, levantamentos fotográficos, registros de vídeo e outros processos de trabalho desenvolvidos entre 2019 e 2022.



Frame do vídeo “semente-arquivo-resistência” 9’30 desenvolvido a partir da prática coletiva da Neve Insular no Madeiral, Cabo Verde, 2023.



Frame da narrativa visual que reúne pesquisas realizadas a partir de documentos históricos, levantamentos fotográficos, registos de vídeo e outros processos de trabalho desenvolvidos entre 2019 e 2022.

rita rainho:

São Vicente, Cabo Verde.

As montanhas estão nuas, sem vida. Falta água. Namorando a montanha despida, seguimos os pés de tortolho, fomos ta-teando, no balanço da escuta e à esperança de que houvesse água. Dentro dessa montanha, fomos guiadas para o interior da terra por um corredor da largura dos meus ombros, escuro, quente, estreito e abafado. Ao fundo, em cima, da rocha, pinga o suor da montanha. Gotas incertas na batida de cada segundo.

Escassa é essa lágrima que brota do interior terrestre insular. Cá fora, o vento leva a humidade e traz as perguntas. A pele da montanha é de outro planeta, como Marte, onde a vida já não acontece? Ou será a montanha desta ilha, o futuro ocupado com a vida que desconsegue?

Neve Insular (NI), o coletivo com Vanessa Monteiro, nasce da utopia de projetar saberes ancestrais da panaria cabo-verdiana num projeto holístico que integra as dimensões de agroecologia, educação e arte & design em todo o ciclo da fibra do algodão. Ligadas à terra, às pessoas e aos saberes em esquecimento,

começamos a cultivar algodão em modo agroecológico na montanha no Madeiral, no interior da ilha de São Vicente, Cabo Verde.

Hoje, com o compasso do cultivo insular, experimentamos um tempo tríade: o tempo da terra, o tempo de ser, estar e relacionar e o tempo de criação. Não se imagine um tempo e espaço de tranquilidade em cuidar de uma planta endémica. Na semente está compactada a memória de resistência das pessoas que, escravizadas, cuidaram da terra e da planta, está em potência a sobrevivência ao abandono após o fim das plantações coloniais.

Hoje, se no mundo, o algodão permanece no topo das pirâmides de produção escrava, massificada e estratificada, em Cabo Verde a produção ficou totalmente extinta. À ilha de São Vicente terão aguentado umas e outras sementes chegado carregadas pelas pessoas e pelo vento, podendo-se encontrar a planta de forma espontânea pelos vales, e, um outro pé resguardado em jardim particular. Nessa densidade e ficção de semente - arquivo - resistência, e dessa intimidade percebemos as ligações de resistência que se entrelaçam

em torno da plantação de algodão agroecológico: um sistema de relações com as outras espécies humanas e mais que humanas, considerando a co-existência das mais fortes, vulgarmente chamadas de pragas e fungos.

histórias de vegetação, práticas de produção e de perturbação^[1]

miguel costa:

[*perturbação*]. Esta narrativa paralela, propõe também um confronto com diferentes escalas de perturbação de solos enquanto primeiro passo para a apropriação vegetal. A capacidade de algumas plantas se apropriarem dos solos e perturbarem a agricultura, sempre foi referida desde a antiguidade. Mas, à medida que as técnicas agrícolas se aperfeiçoaram e passaram a ser estruturais nas economias dos impérios em expansão, esse comportamento tornou-se mais vital para o sucesso ou fracasso das colheitas, principalmente nas colónias.

De facto, plantações e transplantações, foram vitais para o projeto de colonização, envolvendo processos violentos, não só sobre as populações indígenas, mas também sobre os seus territórios e solos que se transformaram em grandes campos de exploração e de extracção de recursos.

rita rainho:

A obsessão pela capacidade do solo insular garantir a sobrevivência do património cultural está presente. A falta de água dificulta, as pragas também, ou são apenas desculpas justificativas de uma reprodução de modelos de monocultivo, sintoma revelador das forças da violência de colonialismo ou neocolonialismo ao serviço de uma hegemonia cultural? Enquanto coletivo, e na rede de relações com as outras espécies humanas e mais que humanas, como reagimos à tentação de crescimento para regimes de exploração da terra e das pessoas, tão frequente nas plantações de outrora e do nosso hoje?

Na relação com as pessoas, como se tornam evidentes e se atenta às relações de poder, as relações entre homens e mulheres, designers e artífices, nacionais e estrangeiros? E no caso das espécies vegetais, como se manifestam os cuidados com endémico e o estrangeiro, potencialmente invasor, ou local segregador? Ou como se prioriza planta património textil, planta alimentar? No período colonial as plantações serviam para alimentar a economia do império gerido pela metrópole, mais tarde para incrementar o crescimento das indústrias e o consumo. Hoje, como privilegiamos o algodão sobre outras espécies, sob que critério e para que economia servir?

miguel costa:

[*coleccionismo e transferência*]. No contexto da circulação global de plantas, estrategicamente rentáveis ou simplesmente curiosidades

botânicas, o século XVIII deu origem a um período particularmente rico na transformação gradual das paisagens e na economia dos impérios.

Tanto a exploração dos territórios coloniais como as expedições e inovações científicas, foram acompanhadas por uma curiosidade social, cultural, política e económica sobre o mundo vegetal, impulsionando a sua recolha, catalogação, divulgação e comercialização. Muitas foram as publicações estratégicas para disseminar conhecimentos e plantas, para impulsionar novas viagens de exploração, ou que contribuíram para moldar preferências ornamentais.

Contudo, hoje, já não podemos ignorar as associações entre exploração colonial botânica e as invasões biológicas. Plantas daninhas e invasoras fazem parte das mesmas histórias de vegetação. E entre publicações e grandes expedições, foi o vento que funcionou, não só como um dos motores de dispersão das plantas, mas, juntamente com as correntes marítimas, funcionou como motor de dispersão do projecto colonial europeu, possibilitando também a circulação de conhecimentos científicos e de avanços tecnológicos.

Esta imensa diversidade biológica também aumentou a necessida-

de de um sistema mais eficaz para a classificação do mundo natural. A sistematização aperfeiçoada por Linnaeus, será internacionalmente disseminada, frequentemente actualizada, e colocada ao serviço da botânica colonial.

Os processos de sistematização passam a servir um vasto espectro de interesses sobre plantas. Plantas lucrativas, curiosidades científicas e preferências ornamentais ('exóticas') utilizarão ferramentas científicas para classificação, ou importantes avanços tecnológicos para o seu transporte. Por exemplo, o uso do microscópio foi decisivo para o estudo de plantas, insectos e outras curiosidades minerais — tecnologias e conhecimentos que circulavam em expedições, reuniões e publicações científicas. Se naquela época estas ferramentas eram dispendiosas, difíceis de encontrar ou implicavam encomendas específicas para o estudo científico, hoje um simples telemóvel pode ser facilmente adaptado e transformado numa poderosa ferramenta científica. Hoje, e no âmbito do trabalho em curso, essa incorporação de procedimentos científicos através do trabalho de campo e dos procedimentos de pesquisa, serve apenas para ampliar a visibilidade de outras histórias de vegetação — inúteis, invasoras, plantas fora do lugar.

Também, a circulação global dessa vasta diversidade biológica exigiu melhorias no transporte de sementes e plantas vivas. As frágeis técnicas de embrulhar sementes em cera ou em papel, assim como os procedimentos de envio de plantas vivas em caixas nem sempre foram eficazes face às dificuldades das travessias oceânicas. A duração das viagens, as tempestades, as variações térmicas, a salinidade e humidade, a escassez de água, a vigilância das plantas, os ratos, os marinheiros, e até mesmo os conflitos entre potências coloniais tiveram grande impacto no sucesso e no fracasso da circulação global de plantas.

Mais uma vez, a sistematização das instruções mostrou-se fundamental para diminuir os índices de insucesso. Diferentes publicações de instruções tentaram facilitar o transporte entre as colónias e seus centros imperiais. Este foi um conhecimento acumulado ao longo de vários anos de trocas de informação, com muitas tentativas e fracassos no transporte de sementes e de plantas.

Em 1770, as “Indicações para trazer sementes e plantas, das Índias Orientais e de outros países dis-

tantes (...)”^[2] de John Ellis, comprimiram a espessura de muitos anos desse conhecimento acumulado — sucessos e fracassos das tentativas de transporte; alertas sobre fraudes na aquisição de sementes na China e os cuidados a serem tomados na sua escolha; sugestões de vigilância e outros cuidados, de acordo com o clima e com geografia durante estas viagens. E, logo na primeira página desta publicação, o subtítulo “Orientações para Capitães de Navios, Cirurgiões de Bordo e outras pessoas interessadas, que recolhem Sementes e Plantas em Países Distantes (...)”, deixa claro que qualquer pessoa poderia ser um agente do império.

No final, foi o sistema *Ward* que provocou maior impacto na circulação global de plantas vivas. Foi testado em várias viagens e amplamente divulgado por Nathaniel Ward e a sua rede de amigos, exploradores e membros de comunidades científicas antes da sua publicação, em 1842. A sua capacidade de manter as plantas vivas e protegidas num ambiente fechado por longos períodos irá melhorar a experimentação e a transferência de plantas estratégicas e rentáveis entre centros imperiais e as suas extensões coloniais. Cerca de 28 anos mais tarde, em Portugal, a recolha e

expedição de sementes e plantas das colônias utilizavam o sistema *Ward* para deslocar a *Cinchona*, uma espécie estratégica no combate à malária.

Ou seja, para além do fascínio pelo exótico, desde o início das primeiras travessias atlânticas que as plantas continuaram a configurar fontes de rendimento e de recursos para a expansão e consolidação colonial — navios desenhados para transportar escravos; navios desenhados para transportar plantas — o design e a arquitetura da economia e da exploração marítima.

rita rainho:

Neste contexto, a plantação baseada na escravatura, forjou um ciclo de exploração da terra, das pessoas e da cultura cujas marcas se mantêm até hoje de dimensão geopolítica global. O espectro da plantação foi e é um espaço de ordem, de crueldade, perversão e de poder, no qual o algodão, determinante no mundo Atlântico, é uma das matérias primas que nos veste ainda nesse molde de exploração e violência. Este espectro é representativo do excepcionalismo humano e da visão do individualismo enquanto matriz científica ocidental de obediência inconsciente e subjetividade neoliberal.

É em torno da planta do algodão que realizamos uma reflexão crítica sobre

as suas representações discursivas, imagéticas e simbólicas. O estudo desta planta, permite considerar a resistência do pensamento e práticas artísticas a partir das ilhas de Cabo Verde, na era da lente crítica da plantationceno e do modo como as artes podem contribuir para transformação social mobilizando a crítica sobre o poder histórico do algodão.

Dois movimentos importantes a considerar.

1º O entendimento conceptual de uma ecologia decolonial que articula a confrontação das questões ecológicas contemporâneas com a génese da fratura colonial. Entende-se assim a crítica da exploração e destruição dos ecossistemas como parte íntima da crítica à dominação colonial e neo-colonial, bem como à exigência de maior justiça social - ou seja uma descolonização política em busca de uma reformulação das maneiras de habitar a Terra.

2º No cruzamento entre agroecologia, arte e território, têm sido crescentes, nas últimas duas décadas, as práticas artísticas e de investigação com produção colaborativa, como é o caso da Neve Insular. Nessa perspectiva, persegue-se um

pensamento crítico sobre a produção de Plantas lucrativas, curiosidades científicas e preferências ornamentais, para testar novas práticas agro-culturais alternativas e desafiar sistemas globais exploradores e extrativos de produção agrícola de fibras, matérias-primas e alimentos.

Nessa ideia de alternativo, uma vigilância sempre presente relativa ao exotismo, otimismo de apropriação da emancipação das plantas, do eco, rural, diferente, humanizado, horizontal, entre espécies em movimentos de capturas pelo sistema de consumo alienante.

miguel costa:

[*economias flutuantes*]. Na crescente economia botânica, o projecto colonial europeu tornou os movimentos de plantas globais, sobretudo relacionados com a extracção dos recursos existentes. Foram as rentáveis economias do algodão, das especiarias, do tabaco, do chá, da cana-de-açúcar, da borracha, ou da quinina, envolvendo extensos procedimentos de exploração e de escravatura. Como recordar a missão do HMS Bounty e da fruta-pão para alimentar de forma fácil e económica as populações escravizadas das plantações de açúcar nas Índias Ocidentais

Britânicas? Plantas, plantações e transplantações foram o motor económico que oscilava em diferentes ritmos de controlo, com portugueses, espanhóis, holandeses, ingleses e franceses competindo entre si, perdendo e ganhando o controlo de territórios e de rotas comerciais.

Economia e lucro foram as palavras-chave, sempre de mãos dadas com avanços científicos e plantas úteis.

A célebre viagem do Capitão James Cook e do navio HMS Endeavour para observar o trânsito do planeta Vénus na tentativa de determinar a dimensão do sistema solar, foi também a missão para se encontrar uma especulada massa de terra que se pensava existir no hemisfério sul. Para esta missão paralela, as instruções (tornadas secretas) foram claras: “(...) Caso encontre Minas, Minaerais, ou Pedras preciosas, deve trazer Amostras de cada para casa, assim como Amostras das Sementes das Árvores, Frutas e Grãos que conseguir recolher (...) para que possamos providenciar uma adequada Análise e Experimentação. (...) se encontrar o País desabitado, tome Posse em nome de Sua Majestade, estabelecendo Marcos e Inscrições Apropriadas, enquanto primeiros descobridores e possuidores.”^[3]

A bordo do HMS Endeavour seguiam Joseph Banks, o futuro director informal do Jardim Botânico Real de Kew, e Daniel Solander, um discípulo de Linnaeus enviado para Londres para promover o sistema binominal de classificação. Não só os jardins botânicos passaram a funcionar como laboratórios experimentais de transplante e aclimatização, como também novos jardins botânicos foram criados em territórios coloniais como plataformas e extensões experimentais das potências europeias, facilitando a experimentação, o estudo, a classificação e o cultivo de plantas estratégicas e rentáveis de todo o mundo. A aclimatização passou a ser outro importante instrumento no domínio, deslocamento e recentramento do mundo natural. E Kew torna-se no centro nevrálgico do império britânico, recebendo e fornecendo sementes, dando instruções e direcções para o sucesso das vastas plantações nas colónias, e também, com um papel vital na disseminação de muitas outras plantas.

Em 1848, o levantamento global das plantas mais importantes

para alimentação, de Alexander Keith Johnston, para além da localização dos principais cereais, incluiu também a localização das rentáveis culturas de algodão, café, chá, baunilha ou quinina, extraída da Cinchona e usada estrategicamente no combate à malária. Estas foram localizações e posses de recursos estratégicos para uma economia imperial crescente.

Mais recentemente, e partindo da figura da imagem do pódio implementado em 1930 durante os primeiros Jogos do Império Britânico — um exercício de cidadania e união imperial através do desporto —, este objeto de classificação e de mérito foi convertido e redesenhado para tornar visíveis outros jogos e estratégias de poder imperial no contexto global do combate à malária — tentativas de transplantação de Cinchona no sentido de extrair a quinina, o seu principal alcalóide utilizado contra a malária; o sucesso na sistematização global do transporte de sementes e plantas vivas; e a malária que, apesar de presente em todo o mundo, foi principalmente associada a doenças tropicais devido à expansão e manutenção dos territórios coloniais no exercício da continuada exploração e extracção dos seus recursos.

^[1] Esta leitura foi organizada e adaptada a partir das leituras performativas realizadas no CAAA Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura (Guimarães, 2022) e no CCCV Centro Cultural Cabo Verde (Lisboa, 2023), contendo três dos cinco segmentos visuais e narrativos originalmente apresentados. Estes segmentos reúnem notas, referências e observações feitas a partir do trabalho de campo e da investigação artística em curso, assim como excertos de textos já publicados onde alguns temas específicos foram sendo desenvolvidos. Para um melhor enquadramento da transcrição da leitura, da investigação e dos projectos artísticos em curso, ver também: Miguel Costa. “Entre plantas daninhas: observações e experimentações sobre uma condição menor de paisagem urbana,” in Gabriela Vaz-Pinheiro (ed.), *Modos de (co)existência: espaço confinado, condição global, resistência* (i2ADS-FBAUP, 2023), 164-188; Miguel Costa, “A natureza que circulou numa caixa: narrativas alternativas para um jardim público em Estado de Emergência,” in Inês Moreira (ed.), *Valise en Carton: Exposição Viajante* (Parábola Crítica, 2021), 14-21; Miguel Costa, “Histórias de Vegetação: reflexões e especulações sobre vegetação ruderal,” in Inês Moreira (ed.), *Curadoria de Enigmas Territoriais + Incursões ao Porto Oriental* (Parábola Crítica, [2020] 2022), 221-243; Miguel Costa. “Among Plants.” *maarqa: micro atelier de arquitectura e arte*. (n.d). <https://maarqa.com/category/among-plants/>.

^[2] John Ellis. *Directions for bringing over seeds and plants, from the East-Indies and other distant countries, in a state of vegetation...* (L. Davis, 1770).

^[3] Museum of Australian Democracy. “Secret Instructions to Lieutenant Cook 30 July 1768.” *Documenting a Democracy (Museum of Australian Democracy at Old Parliament House)*. (n.d.). <https://www.foundingdocs.gov.au>. [tradução do autor] texto original: “(...) in Case you find any Mines, Minerals, or valuable Stones you are to bring home Specimens of each, as also such Specimens of the Seeds of the Trees, Fruits and Grains as you may be able to collect (...) that We may cause proper Examination and Experiments to be made of them. (...) if you find the Country uninhabited take Possession for his Majesty by setting up Proper Marks and Inscriptions, as first discoverers and possessors.”

Desajustados

Textos Falados

4

Gabriela Carvalho,
Miguel Costa e Rita Rainho

Este número é uma produção do projeto semente “**O algodão e a resistência a partir de Cabo Verde – cultivo do pensamento e práticas artísticas para uma história do presente**” (AR.CV), i2ADS. A equipa que integra o projeto é Gabriela Carvalho, Miguel Costa, José Paiva e Rita Rainho (coord), ID_CAI/i2ADS.

O trabalho é desenvolvido em diálogo com a prática do coletivo Neve Insular no cuidado da plantação de algodão no Madeiral, Cabo Verde.

“Conversas algodeiras, entre plantas,
pragas e afetos”

de **Gabriela Carvalho, Miguel Costa
e Rita Rainho (ID_CAI i2ADS)**

Editado por
Luana Andrade (i2ADS / FBAUP)
em colaboração com Gabriela Carvalho,
Miguel Costa e Rita Rainho

Design original
Joana Lourencinho Carneiro

i2ADS edições
**i2ADS – Instituto de Investigação
em Arte, Design e Sociedade**
Faculdade de Belas Artes
da Universidade do Porto
i2ads.up.pt


março, 2024

ISBN
978-989-9049-69-7



ID_CAI
Colectivo de Acção
e Investigação

 **U.PORTO**

 **FACULDADE DE BELAS ARTES**
UNIVERSIDADE DO PORTO

i2ADS.

fct Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



ni